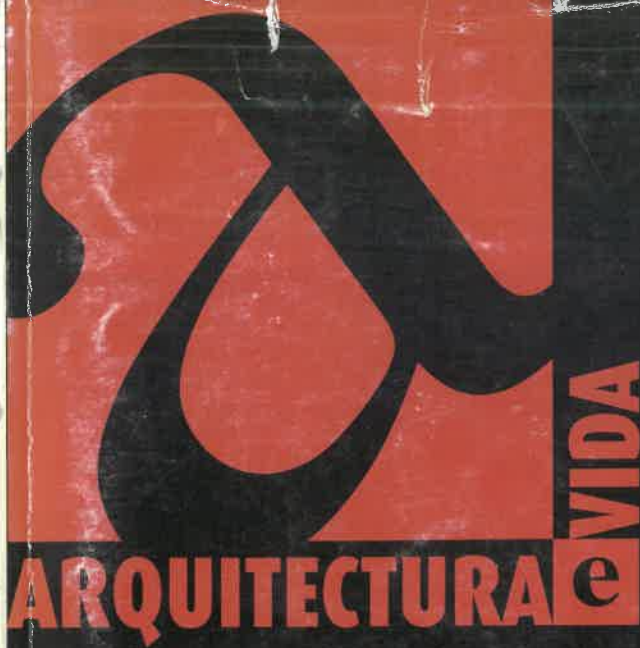




Conferência "Territórios em Mudança"
A análise de arquitectos, urbanistas e engenheiros

debate

Revestimentos de fachadas
Estratégias de manutenção preventivas

engenharia

O cemitério e o espaço urbano
Uma lacuna no panorama urbanístico português

arq. paisagista

Maio 2002 ■ € 2,5

AGOSTINHO RICCA

UM ESPÍRITO INCONFORMADO

BARTOLOMEU DA COSTA CABRAL
Faculdade de Engenharia da Universidade Católica Portuguesa, Sintra



N.º 27 ■ Ano II ■ Maio 2002
Mensal ■ € 2,5

30



78

30 DEBATE

Nos dias 12 e 13 de Abril, no auditório do Tagus Park, em Oeiras, arquitectos, urbanistas, geógrafos e engenheiros debateram Territórios em Mudança, numa conferência promovida pela **Arquitectura e Vida**. Entre os conferencistas, nomes grandes destas disciplinas como Manuel da Costa Lobo, Gonalço Ribeiro Telles, Jorge Gaspar, Fernando Nunes da Silva, Helena Roseta, Manuel Taíña, Nuno Teotónio Pereira ou Carmen Andrade. O novo ministro das Cidades, Ambiente e Ordenamento do Território, Isaltino Morais, encerrou os trabalhos

50 ENTREVISTA

"Em Portugal não há crítica de arquitectura nem cultura espacial. É por isso que toleramos a ausência de urbanismo na qualidade dos planos de pormenor e das construções." A afirmação é feita pelo arquitecto Agostinho Ricca, entrevistado desta edição da **Arquitectura e Vida**. Formado pela Escola de Belas-Artes do Porto, construiu nesta cidade um percurso quase sempre marginalizado. Nos últimos tempos, tem feito sentir a sua discordância sobre o local escolhido para acolher a Casa da Música, projecto para o qual concorreu

50



90

78 ARQUITECTURA PAISAGISTA

Enquanto espaço físico encerrado entre muros, o cemitério contribui para a estrutura urbana como mais do que uma simples satisfação funcional. Através do seu amplo repertório estilístico e múltiplas significações culturais e simbólicas, reproduz o evoluir da ordem socioeconómica. Votado ao esquecimento, o cemitério representa, hoje, uma lacuna no panorama urbanístico português, para o que contribui uma política de ordenamento do território fragmentada e ineficiente na defesa e qualificação de um espaço de referência no imaginário colectivo de um povo

90 ENGENHARIA

A envolvente vertical, sendo um elemento integrante do invólucro exterior do edifício, desempenha um papel principal ao nível da concepção arquitectónica, na medida em que é susceptível de afectar e valorizar os espaços que delimita. Numa altura em que o parque habitacional português apresenta níveis de degradação preocupantes, pretende-se, com este artigo, comparar técnico-economicamente diferentes estratégias de manutenção preventivas, aplicadas a cinco revestimentos de fachadas, caracterizando os parâmetros relevantes para a fiabilidade dessas estratégias

- 14 – Editorial
- 16 – Correio do leitor
- 18 – Notícias
- 26 – No estirador
- 28 – Caso do mês

DEBATE

- 30 – Territórios em mudança

REABILITAÇÃO

- 36 – Valorização da Cerca do Castelo de Óbidos

ESPAÇOS LUSÓFONOS

- 44 – O urbanismo colonial do Estado Novo em África

ENTREVISTA

- 50 – Agostinho Ricca

ARQUITECTURA

- 59 – Introdução: projectos
- 60 – Faculdade de Economia da Universidade Católica de Lisboa
- 66 – Arquivo Distrital de Setúbal
- 72 – Moradia em Vila Nova de Cerveira

ARQUITECTURA PAISAGISTA

- 78 – O cemitério enquanto espaço urbano

84 – Análise

- Notas sobre as imagens arquitectónicas do século XX – Parte VII

ARQUITECTURA MILITAR

- 88 – Castelo de Castro Marim

ENGENHARIA

- 90 – Revestimento de fachadas
- 96 – Alta Velocidade: ponto de vista tecnológico

DESIGN

- 104 – Museu do Design

- 108 – CAD
- 110 – Novidades
- 112 – Exposições
- 116 – Livros
- 118 – Internet
- 120 – Mercado
- 122 – Recortes

Fixar **IN**ternamente o **FLUX**o

INFLUX é o título de uma exposição de projectos de arquitectura comissariada por Pedro Gadanho e Luís Tavares Pereira, que decorre actualmente no Silo Espaço Cultural do Porto

Texto de **Gonçalo Furtado** arquitecto



Projecto de A.S*

A EXPOSIÇÃO SERÁ COMPOSTA por quatro módulos expositivos com a duração de dois meses cada. Cada um dos módulos apresenta três projectos em torno de uma coordenada temática de leitura, ambicionando construir progressivamente uma cartografia panorâmica sobre a “nova arquitectura portuguesa”.

Só quando finalizar todo o projecto (lá para o fim do ano), se poderão emitir juízos quanto à perspicácia da selecção dos “novos protagonistas da arquitectura portuguesa” feita pelo comissariado. Poderemos, no entanto, avançar alguns aspectos baseados no módulo “confluência” inaugurado a 21 de Março.

É de reconhecer que a realização desta iniciativa denota um empenho militante no que se refere à promoção da arquitectura no contexto português, mais não seja porque se dirige a uma audiência alargada e porque mostra a capacidade de canalizar apoios privados. É também inequívoco que foi potenciada a capacidade de ser fruída pelo público geral, localizando-a num visitado espaço público contemporâneo (um *shopping*) e enfatizando a sua dimensão comunicativa mediante um artefacto expositivo apelativo, que se estende ao corredor de acesso aparelhado com uma interessante intervenção da autoria de (A)inda arquitectura e Pedro Gadanho.

A iniciativa deste projecto merece, por isso, respeito e aconselha-se a sua visita.

No entanto, não parece supérfluo alertar que estes espaços públicos contemporâneos (os *shoppings*) privilegiam certas condições de experiência características do sujeito contemporâneo, isto é, fomentam uma deslocação distraída que apela ao consumo. Pelo que, sem esquecer as necessidades comunicativas intrínsecas a uma “audiência” mediaticamente cultivada, é necessário que este tipo de exposições reforcem a dimensão reflexiva do discurso expositivo montado.

No caso da *Influx*, estão previstos debates de foro disciplinar especializado, e, provavelmente, a edição de um catálogo. Será importante

que ambos realmente aconteçam, para que o público possa fixar IN(ternamente) o FLUX(o) que atravessa a experiência desta exposição

No actual módulo, intitulado “Influx 0.1 – confluência”, estão expostas entrevistas em vídeo e desenhos-maquetas de algumas obras dos três arquitectos seleccionados, com o objectivo de acentuar a abertura da prática arquitectónica a influências de outras áreas. Nas várias obras expostas (ARX Portugal, A.S* – Ateliê de Santos, Menos é Mais) existem, de facto, influências da engenharia naval, do *design* industrial, do “pop quotidiano”, mostrando como é pertinente a exponenciação da dimensão criativa e interdisciplinar da prática do projecto de arquitectura.

No sentido do que propõe o módulo expositivo em curso, isto é, de haver uma contaminação da arquitectura com outras áreas, parecem-nos ainda de ressaltar a iniciativa do comissariado de convidar um artista a trabalhar sobre uma das obras arquitectónicas presentes. O vídeo presente no piso inferior do Silo Auto oferece uma espécie de *feed-back*, uma verdadeira confluência que estimula o mundo da produção arquitectónica e o pensamento sobre esta. António Caramelo, autor do vídeo, deslocou-se a Ílhavo e processou uma aproximação à obra dos ARX a partir de uma sequência de imagens sublimares de alto contraste, que, partindo do átrio, nos ajudam a perceber uma envolvente condição urbana caótica que nunca se enquadra.

A reflexão que fomenta será, por si só, motivo para uma visita até 12 de Maio (das 13h00 às 14h30 e das 17h00 às 23h00).

A nossa visita, decerto, se repetirá nos módulos “Confrontação” e “Compulsão” que terão lugar nos próximos meses. Porque ficamos (e) “stimul”(ados). Estimulados pela curiosidade, que desde já consegue despertar, e pela plataforma de discussão que o projecto poderá despoletar, dentro e fora da arquitectura. E isso é independente da validade que o projecto *Influx* venha a ter no fim do ano como cartografia da nova produção arquitectónica nacional. ■